



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA ALÉCIA MARTINS DE MELO

**IMAGENS DA IDADE MÉDIA E DAS MULHERES MEDIEVAIS EM LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA**

GUARABIRA/PB

2018

MARIA ALÉCIA MARTINS DE MELO

**IMAGENS DA IDADE MÉDIA E DAS MULHERES MEDIEVAIS EM
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Guarabira da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Prof. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva

GUARABIRA/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528i Melo, Maria Alecia Martins de.
Imagens da idade média e das mulheres medievais em livros didáticos de história [manuscrito] / Maria Alecia Martins de Melo. - 2018.
59 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Alômia Abrantes da Silva , Departamento de História - CH."
1. Livros didáticos. 2. Imagens. 3. Mulheres. 4. Idade média. I. Título
21. ed. CDD 305.4

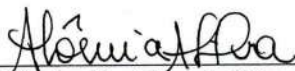
**IMAGENS DA IDADE MÉDIA E DAS MULHERES MEDIEVAIS EM LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso no programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em História.

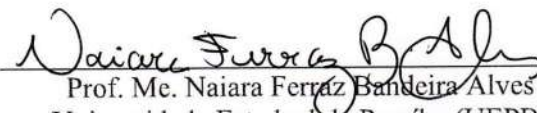
Área de concentração: Ensino de História

Aprovada em: 30/11/2018:

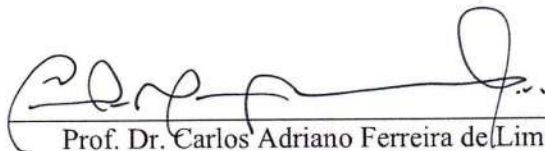
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Naira Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Aos meus pais e irmão pela força prestada,
incentivo, amizade, companheirismo, para a
concretização desse sonho. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por inspirar-me e dar-me forças para superar os desafios ao longo da jornada acadêmica.

À instituição pela oportunidade de desenvolver meus conhecimentos e promover um ambiente formador.

À Professora Alômia Abrantes da Silva por toda dedicação, sugestões e incentivo, que acreditou nesse trabalho, sempre com paciência e sugerindo leituras para enriquecer o trabalho.

À Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho juntamente com os professores João Bosco e Paulo que cederam os livros fundamentais pela pesquisa do presente trabalhos.

Aos meus pais Arnaldo e Marilene que durante o curso e a construção desse trabalho sempre incentivando, estando ao meu lado lutando para tornar os meus sonhos realizados, nunca desistindo, dedicando palavras de amor. Sem eles o trabalho não seria possível, investiram nesse sonho, que nos momentos difíceis, quando parecia não dar certo se tornaram meu alicerce, minha força para erguer-me e continuar na jornada.

Ao meu Irmão Anderson que dedicou a poio e incentivo a não desistir, prestando sua solidariedade.

As minhas amigas Layse Sthefany, Sandra e Wanielle que durante os cinco anos do curso me incentivaram, sempre me apoiando, passando por momentos bons e difíceis, mas sempre demonstrando amizade. Pessoas essas que trilharam comigo o mesmo sonho.

RESUMO

Os livros didáticos são importantes ferramentas de ensino e aprendizagem em sala de aula, compondo uma série de abordagens e linguagens atuais. De modo que umas dessas linguagens são visuais, que ilustram os textos presentes caracterizando os períodos históricos. Desse modo esta pesquisa tem como objetivo analisar como as imagens presentes nos livros didáticos de História retratam a Idade Média e, em particular, como as mulheres da Idade Média estão sendo nelas inseridas e retratadas. Para tanto, foi realizada a identificação, comparação e discussão das imagens presentes nos capítulos dedicados à Idade Média de quatro livros didáticos, datados de anos diferentes, adotados pela mesma Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho, de Passa e Fica/RN, para o período de 2007 a 2020 (Devido ao fato que o livro foi selecionado para ser utilizado entre os anos de 2018, 2019 e 2020). Dentre outras considerações, a análise permitiu perceber que as imagens presentes nos livros são usadas mais com o caráter ilustrativo, muitas vezes sem correspondência entre estas e o texto escrito, sendo que as mulheres são poucas retratadas, embora se identifique que os (as) autores (as) também se preocupam em mostrar outras imagens delas, que não à de ser submisso e sem atuação na cultura medieval, como nas visões mais tradicionais. A pesquisa apoiou-se em referenciais como Bittencourt (2008), Macedo (2013), Franco Junior (2001), Silva (2010), Chaves (2014) e Eco (2010).

Palavras Chaves: livros didáticos. Imagens, Mulheres, Idade Média.

ABSTRACT

Textbooks are an important teaching and learning tool in the classroom, composing a number of approaches and current languages. So one of these languages are the pictures, which illustrate the texts and characterize historical periods. Thus, this research aims to analyze how the pictures present in the History textbooks portray the Middle Ages and, in particular, how the medieval women are being inserted and portrayed in it. Therefore, the identification, comparison and discussion of the pictures present in the chapters dedicated to the Middle Ages it was carried out in four textbooks, dated from different years, adopted by the Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho in Passa e Fica/RN between 2007-2020 (because one of the books was selected to be used between the years 2018, 2019 and 2020). Among other considerations, the analysis made it possible to perceive that the pictures in the books are used as an illustrative character, often without correspondence between these and the written text, being that, the women are few portrayed, although it is identified that the authors are also concerned with showing other images of them than being submissive and without acting in the medieval culture as the traditional views. The research is based on references as Bittencourt (2008), Macedo (2013), Franco Junior (2001), Silva (2010), Chaves (2014), and Eco (2010).

Keywords: Textbooks. Images. Women. Middle Ages.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1-Catedral Gótica de Remis (França).....	23
Fotografia 2- Igreja no estilo gótico.....	24
Fotografia 3- Igrejas estilos góticos e românticos.....	25
Fotografia 4- Vitral de Carlos Magno.....	26
Fotografia 5- Carlos Magno.....	27
Fotografia 6- Soldados saqueando uma casa.....	28
Fotografia 7- Camponês trabalhando com uma churrua.....	28
Fotografia 8-camponeses trabalhando no trabalho na colheita.....	30
Fotografia 9- Atividade Agrícola.....	31
Fotografia 10- Camponeses trabalhando e transportando a colheita.....	31
Fotografia 11- A cerimonia de suserania e vassalagem.....	32
Fotografia 12- Vassalo prestando homenagem ao suserano.....	33
Fotografia 13- Rei prestando homenagem a outro.....	34
Fotografia 14- Cavalheiro medieval.....	34
Fotografia 15-Cruzadista de Westminter.....	35
Fotografia 16- Cenas da 7ª cruzada.....	36
Fotografia 17- O cerco de Antioquia.....	36
Fotografia 18- O Triunfo da Morte.....	38
Fotografia 19- Casais dançando.....	46
Fotografia 20- Trabalho feminino.....	47
Fotografia 21- Mulheres nobres viajando em carroça.....	48
Fotografia 22- A mulher e o banqueiro.....	49
Fotografia 23- Christine de Pisan ensinando seu filho.....	51
Fotografia 24- Estatua de Joana D'arc.....	52

LISTA DE TABELA

Tabela 1- Dados acerca das imagens da Idade Média nos livros didáticos do Ensino Médio.....	22
---	----

SUMÁRIO

1.	Apresentação.....	11
1.1	Sobre Ensino de História: algumas considerações.....	12
1.2.	Os livros didáticos e as imagens como ferramenta de Ensino.....	14
2.	A Idade Média nos livros didáticos de História.....	18
2.1.	Apresentação de imagens da Idade Média nos livros didáticos de História do Ensino Médio.....	21
2.1.1.	Imagens voltadas para catedrais e Igrejas medievais.....	22
2.1.2.	Imagens retratando o Império Carolíngio.....	25
2.1.3.	Imagens que retratam a economia feudal.....	27
2.1.4.	A relação de vassalagem.....	32
2.1.5.	Imagens retratando cavaleiros e as cruzadas.....	34
2.1.6.	Peste Negra.....	37
3.	Mulheres medievais: história e imagens nos livros didáticos.....	39
3. 1.	As mulheres medievais nas imagens de livros didáticos de História.....	45
4.	Considerações finais.....	53
	Referencias Bibliográficas.....	56
5.	Anexo A – Capa dos livros didáticos.....	58

1 INTRODUÇÃO:

Os livros didáticos atualmente têm grande importância como ferramentas no ensino de História, muitas vezes sendo utilizados como principal recurso didático-pedagógico e fonte bibliográfica em sala de aula. Embora geralmente dê-se mais ênfase ao texto escrito nestes livros, chama-nos atenção as imagens que são utilizadas junto a estes e que participam da composição das informações acerca da História e seus períodos.

A esta atenção, juntou-se nosso interesse pelo ensino de História Medieval e consideramos a importância de saber e discutir quais são as imagens da Idade Média presentes e como estas são utilizadas nos livros didáticos, perguntando-nos das suas recorrências, diálogos e coerências ou não com o texto escrito. E, particularmente, recortamos um interesse sobre como, nestes livros, vêm sendo tratada as novas abordagens no que se refere à discussão sobre as mulheres medievais como agentes da história, se os livros estão inserindo-as nas discussões e como elas estão sendo retratadas nas imagens.

Para poder abordar essas questões selecionamos quatro livros didáticos de História voltados para o Ensino Médio, adotados pela Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho¹ da Cidade de Passa e Fica/RN² para o período de 2007 a 2020(Devido ao fato que o livro foi selecionado para ser utilizado entre os anos de 2018, 2019 e 2020): “Nova História crítica: ensino médio: volume único” de Mario Schmidt (2005, adotado para 2007 da editora Nova Geração); “História: volume único” de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinado Seriacopi (2005, adotado para 2009,2010 e 2011 da editora Ática); “História: das cavernas ao terceiro milênio” de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota (2013, adotado para 2015, 2016 e 2007 da editora Moderna); “Conexões com a História” de Alexandre Alves e Leticia Fagundes de Oliveira (2016, adotados de 2018, 2019 e 2020 da Editora Moderna).

¹ A escola possui apenas o Ensino Médio, é a única da cidade, foi criada em 1996.

² Município localizado no interior do Estado do Rio Grande do Norte tem 13.099 habitantes. Sua economia é voltada para agricultura e turismo. As escolas são nas maiorias municipais do ensino infantil e Fundamental, possui apenas duas escolas estaduais uma de Ensino Fundamental e outra de Ensino Médio.

Para realizarmos esse exercício, que envolveu um trabalho de identificação, descrição, comparação e discussão do modo como as imagens são apresentadas nos diferentes livros, delineando uma trajetória de como os assuntos foram sendo abordados pelos livros adotados ao longo desses anos na Escola supracitada, recorre-se ao apoio teórico-metodológico de vários referenciais, que tanto pensassem o ensino de história e o livro didático, o uso de imagens pelos livros didáticos, o ensino de História Medieval e a própria história das mulheres. Preferimos então ir apresentando e discutindo esses campos e referenciais passo a passo, iniciando aqui, à título de apresentação, com uma primeira parte, que traz uma breve discussão sobre o ensino de história e a importância do livro didático e das imagens como linguagens e recursos para este.

1.1 Sobre Ensino de História: algumas considerações.

O ensino de História ao longo dos anos vem passando por mudanças e enfrentando desafios, desde as práticas, métodos pedagógicos à exposição e escolha de conteúdos trabalhados em sala de aula.

No século XIX e mesmo em boa parte do século XX, o ensino de História tinha objetivo moral e cívico, desenvolvendo uma identidade nacional, o patriotismo. De modo que priorizavam os períodos históricos, destacando os grandes heróis, governantes, fatos e datas. Utilizando uma ideologia com ponto de vista ocidental e das classes dominantes, excluindo os personagens considerados ao longo da história “marginalizados”. Ao se abordar um período como a Idade Média, por exemplo, apenas seria apresentado o poder dos grandes reis, os monumentais castelos, o clero e os cavaleiros, de modo que os outros personagens e acontecimentos iriam sendo esquecidos.

O método de ensino aplicado era, sobretudo, o da memorização, onde o foco era na quantidade de datas, fatos e nomes de heróis que o (a) aluno (a) conseguia decorar. A respeito, Circe Bittencourt afirma:

Os métodos de ensino baseados na memorização correspondiam a um entendimento de que “saber história” era dominar muitas informações, o que, na prática, significava saber de cor a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional. (BITTENCOURT, 2008, p.69)

Ao passar dos anos, esse método mnemônico foi sendo criticada e surgiram novas abordagens, concepções, personagens, métodos, linguagens e etc. que estão preocupadas não mais na quantidade e sim na qualidade do ensino-aprendizado. De modo que o objetivo do ensino de História é desenvolver identidades, cidadãos críticos com habilidade de questionar, analisar os fatos históricos, ou seja, o objetivo não se reduz mais a enaltecer os heróis, as classe dominantes, focar em datas e memorização, e sim permitir que o (a) aluno (a) pudesse compreender o que aprendeu utilizando os fatos históricos do passado para relacionar à sua realidade e na sociedade em que vive. Atualmente, apesar de muitas problemáticas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) firma que “(...) o/a estudante é também convidado a aprofundar sua capacidade de pensar com a História, articulando o conhecimento de história a um raciocínio aplicado, que permite refletir e debater os desafios do Brasil e do mundo contemporâneo”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2016, p.632).

Portanto, para permitir que o estudante forme esse pensamento crítico, foram inseridos no Ensino de História, novas abordagens como a da história social e da história cultural, que propõem trazer outros personagens, como mulheres, indígenas, trabalhadores, negros, pobres, cidadãos, e outros temas, como a vida cotidiana, os pensamentos, manifestações, comportamentos, festividades e etc. para a pesquisa e ensino de História.

E para expor esses conteúdos, acontecimentos e abordagens surgem novas ferramentas, as novas linguagens e seus diversos recursos pedagógicos, como a música, as imagens fotográficas, pictóricas e gráficas, filmes, desenhos, jogos, internet, literatura, animações e etc. que permite o professor abranger a exposição de suas aulas, tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes, como afirma Elisgardênia de Oliveira Chaves:

De modo geral, filmes, pinturas, artigos de jornal ou revista, cartas romances, fotografias e canções atendem bem a busca de professores por recursos pedagógicos que se aproximam do cotidiano dos alunos: confeccionados e consumidos em larga escala por todo o Brasil e em diferentes grupos socioculturais, são amplamente acessíveis e presente no dia a dia dos estudantes. (CHAVES, 2014, p.04)

No caso das imagens, que interessa aqui mais de perto, estas podem ser trabalhadas desenvolvendo a análise crítica dos alunos, pois permite olhar

elementos como as formas, as roupas, o pensamento e comportamento da época através das imagens visuais como, por exemplo, permite analisar aspectos de como as mulheres na Idade Média viviam de seus lugares na sociedade, através de suas representações em imagens e pinturas.

Com a proposta da Reforma do Ensino Médio³ realizada em 2016 e homologada em 2017, se trata de uma proposta governamental, que torna o currículo flexível, de modo que o (a) estudante poderá escolher a área que quer se especializar, mas algumas disciplinas serão obrigatórias, tem como objetivo para o ensino de História tornar o (a) aluno capaz de dar uma aplicabilidade, através da melhor compreensão do seu contexto histórico, às questões do seu dia a dia. A Reforma propõe modificar os conteúdos que devem ser aplicados de maneira que antes o Ensino Médio era um aprofundamento dos conhecimentos das series anteriores, mas com a proposta tem como objetivo de conhecer a História do Brasil e América, de modo que propõe abranger os conhecimentos históricos em uma visão não mais eurocêntrica. Acarretando na exclusão da História da Idade Média, que passa centralizar o período do descobrimento da América, de modo que da Idade Média focalizariam apenas as crenças e uns aspectos culturais.

Os livros analisados não estão atualizados com a proposta do Ensino Médio, portanto estão apresentando os textos e imagens da Idade Média em seu aspecto geral, em uma visão eurocentrista.

Portanto os livros didáticos e as imagens que o compõe são fundamentais na atualidade para se construir um saber histórico, de modo que os mesmos vêm aos longos dos anos se adaptando as demandas da atualidade.

1.2. Os livros didáticos e as imagens como ferramenta de Ensino

Um dos métodos utilizados para ensinar é o uso dos livros didáticos em sala de aula, se tornando em muitas escolas a única ferramenta de trabalho e fonte de leitura do professor e aluno.

Os livros didáticos, nos séculos XIX e XX, tinham como objetivo ser a ferramenta do ensino de história que iria promover o patriotismo nos alunos, pautando-se em um discurso tradicional e com uma visão que destacava os

³ MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, Base nacional Comum Curricular. Brasil, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 Nov. 2018

acontecimentos históricos considerados importantes para desenvolver a identidade nacional, focando principalmente em datas, heróis nacionais e fatos marcantes.

Nas últimas décadas, acompanhando as mudanças que foram assinaladas no item anterior, os livros didáticos vêm se modificando, tentando superar a simples memorização de fatos, como afirma Jessica Salvino Mendes (2013, p.03): “Há algumas décadas atrás, os livros didáticos não possuem, ou pelo menos procuram não mais reforçar esta ideia do “saber de cor” imposta pelo método da Memorização”.

Assim, o livro didático vem se tornando um manual que busca incentivar ao professor a buscar outros materiais, fontes e linguagens, desestimulando a prática de ser usado como o único apoio para selecionar. Geralmente, os livros didáticos são compostos por sugestões de textos, obras, literatura, filmes, documentários, artigos, sites e etc. Circe Bittencourt afirma:

É comum encontrar sugestões de leituras de outros livros, de filmes, e de consultas na mídia eletrônica. Há também o incentivo a pesquisas complementares, indicando, de maneira implícita, que o livro didático não é nem deve ser o único material a ser utilizado pelos alunos. (BITTENCOUR, 2008. p. 310-311)

Os livros didáticos partem de uma visão de seus autores principalmente das editoras, muitas vezes com ideologias que vão desde as mais tradicionais até as que utilizam as novas abordagens e linguagens; a respeito, Jessica Salvino Mendes fala das mudanças dos livros atuais para desenvolver em seus leitores um olhar crítico. Vejamos:

Despertar o olhar crítico a partir de questionamentos, desconstruir estereótipos, estão nas propostas que incluem as estratégias que envolvem a produção dos livros didáticos de História. Mas é preciso ir mais além. A análise de imagens que cada vez mais estão presentes nos livros e a análise dos discursos que os compõe se torna cada vez mais relevante. (MENDES, 2013, p.02)

Apesar das mudanças, alguns livros didáticos tendem ainda a reforçar estereótipos e preconceitos como, por exemplo, excluir as mulheres dos acontecimentos históricos; vemos isso, por exemplo, no que se refere à Idade Média, apesar dos avanços de pesquisas a respeito nas universidades. Portanto, adotar um livro didático como guia para o trabalho em sala de aula, requer cuidados e análise crítica sobre o que o autor quer apresentar.

Observa-se que no que diz respeito ao trato com as imagens, os livros didáticos de História são compostos de imagens visuais que complementam a escrita, mas em alguns casos estas não se relacionam de forma coesa com o que está sendo narrado, muitas vezes estando apenas posicionado para ocupar espaço de ilustração. Mas através das imagens e suas narrativas, podem-se estudar aspectos de um período histórico, analisar aspectos importantes da forma como pensavam, como agiam, como estabeleciam as relações de poder, a posição social, a economia, religião, a arte e etc. Sobre isso, Meireles (1995), citado por Edlene Oliveira Silva, afirma que:

A imagem enquanto representação do real estabelece identidade, distribui papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, instala modelos formadores, delimita territórios, aponta para os que são amigos e os que se deve combater. (MEIRELES apud SILVA, 2010, p.175).

As imagens como forma pedagógica vêm sendo usada há muito tempo, e vimos isso ocorrer fortemente no período medieval, que tinha a população na sua maioria analfabeta. Portanto, as imagens eram utilizadas como forma pedagógica, principalmente envolvendo o caráter religioso, como destaca Edlene Oliveira Silva, em seu artigo, sobre o uso das imagens na Idade Média:

Na Idade Média, por exemplo, a iconografia tinha função educativa primordial nas sociedades iletradas. No medievo, as imagens são compreendidas como um texto, um discurso. Uma cena representando Adão, Eva e a serpente no Paraíso tem relação direta com a cultura religiosa do período, significando a Queda do homem, a mundanidade do corpo e do sexo, a inferioridade e demonização da mulher, a punição divina para a desobediência humana... Ou seja, existe toda uma mensagem textual implícita que esta representação visual informa e institui, que, é bem conhecida pelos medievos na sua vivência cotidiana, seja por meio dos sermões dos padres [...] (SILVA, 2010, p.175).

Como se pode compreender, as imagens são fontes históricas e, como tal, podem ser trabalhadas, principalmente em sala de aula, permitindo ao aluno aprender observando visualmente, avaliando formas e significados; as imagens permitem ter um novo olhar de um determinado período, como afirma também Silva (2010, p.177), “o trabalho com imagens em sala de aula pode ainda se constituir em uma experiência riquíssima de aprendizado, servindo para o questionamento das verdades imagéticas e, portanto, para a sua desnaturalização”.

Para trabalhar adequadamente as imagens expostas nos livros didáticos de forma crítica sem estereótipos e influência ideológica Circe Bittencourt (1997), citado por Edlene Oliveira Silva, afirma que:

(...) alguns procedimentos para o tratamento das imagens em sala de aula como, por exemplo, a necessidade de se separar a imagem do texto e da legenda no primeiro momento de discussão de um tema. A intenção é que possa ocorrer do ponto de vista dos alunos, uma leitura espontânea deixando fluir o que eles veem e outras imagens possíveis. A partir daí, a autora sugere o aprofundamento das questões colocadas por meio de uma investigação mais detida sobre a imagem escolhida: quem fez, quando fez, qual o contexto histórico, como e porque foi produzida. (BITTENCOURT apud SILVA, 2010, p. 180).

As imagens permitem um mundo de possibilidades para serem trabalhadas em sala de aula, elas promovem uma forma mais lúdica de transmitir conhecimento, além da escrita, mostrando opiniões da época, valores, culturas e entre outros mais. Mas deve-se ter cuidado o professor, que deve ter em mente que as mesmas não representam literalmente a realidade, como diz Edlene Oliveira Silva:

As imagens não são espelhos da realidade, nem devem ser utilizadas na condição de ilustração de temas, numa perspectiva ingenuamente “realista”, como se as imagens retratassem alguma realidade histórica. Daí ser preciso ainda analisar a relação entre ver e saber, com intuito de esclarecer/ compreender a fusão entre recepção e produção como processo para novas interpretações. (SILVA, 2010, p. 181)

Portanto a partir de imagens pode-se construir um conhecimento histórico e trabalhar um determinado período, inclusive fazendo questionamentos acerca da mesma. É o que aqui passamos a observar na abordagem da Idade Média pelos livros que selecionamos para analisar. Feita essa discussão geral, passaremos agora para a análise do nosso recorte, que organizamos em mais duas partes ou capítulos: **A Idade Média nos livros didáticos de História**, destacando a abordagem da Idade Média nos livros didáticos, apresentando o que identificamos e analisamos da forma como os livros selecionados retratam o Medieval nas imagens que usam; E depois, **Mulheres medievais: história e imagens nos livros didáticos**, onde procuramos discutir as contribuições da história das mulheres para a história da Idade Média, especificando nos livros didáticos analisados quando e como as mulheres são abordadas no contexto do ensino de medieval,

especialmente quando e como aparecem nas imagens presentes nos livros em questão.

2. A Idade Média nos livros didáticos de História

A Idade Média é um período histórico marcado por alguns temas fez emergir e deu legitimidade a outros temas e personagens do medievo, tais como as mulheres e a herança que o medievo legou para a imagem destas no Ocidente como o poder da Igreja, a expansão do cristianismo, a economia feudal, a sociedade cavaleiresca, a emergência da burguesia, as cruzadas, inquisição, etc. Mas o que foi bastante discutido por muito tempo foi à concepção que se tem desse período, chamado por muitos de “Idade das trevas”, um termo pejorativo, que denota preconceito, alegando ter sido esta uma época de atrasos e inferioridade, devido a ser uma época em que a Igreja Cristã teve grande poder de influência, onde a ciência não tinha vez, em que tudo era explicado por fundamentos religiosos. Como afirma Hilário Franco Junior, em seu livro o “Nascimento do Ocidente”:

No caso do que chamamos de Idade Média, foi o século XVI que elaborou tal conceito. Ou melhor, tal preconceito, pois o termo expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antigüidade Clássica e o próprio século XVI. (FRANCO JUNIOR, 2001, p.09)

O preconceito com a Idade Média se intensificou com os pensamentos renascentistas e iluministas que afirmam que fora um período em que as pessoas eram alienadas pela Igreja, um período marcado por atraso que deveria ser apagado da história, marcado pela fome, miséria, morte, sombras e etc. Hilário Franco Junior (2001, p.10) diz que os renascentistas e iluministas pensavam que “a “Idade Média” teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. Ou seja, também para o século XVII os tempos “medievais” teriam sido de barbárie, ignorância e superstição”.

Portanto, por muito tempo, a Idade Média foi vista como uma época sem luz e sem razão, mas essa ideia passou a se modificar com o Romantismo do século XIX, que enaltecia bastante a arte e aspectos ligados a cultura do mundo medieval. Não podemos esquecer que utilizamos hoje invenções da época, que mostra que a Idade

Média teve avanços, como afirma Umberto Eco em seu: livro “Idade Média: Bárbaros, cristãos e muçulmanos”. Vejamos:

Mas são inúmeras as invenções medievais que nós ainda hoje usamos como se fossem coisas do nosso tempo: a chaminé, o papel (...), os algarismos árabes (...), a contabilidade por partidas dobradas e, com Guido d’Arezzo, os nomes das notas musicais – e há quem mencione ainda os botões, as cuecas, as camisas, as luvas, as gavetas dos móveis, as calças, as cartas de jogar, o xadrez e os vitrais. É na Idade Média que se começa a comer sentado à mesa (os romanos comiam reclinados em leitos) e a usar garfo; e é também na Idade Média que aparece o relógio de escapo, antepassado direto dos relógios mecânicos modernos. (ECO, 2010, p.21)

A partir do século XX que inicia uma nova forma de estudar e descrever a Idade Média, olhando a mesma com olhar da época e não mais transferindo conceitos e visões atuais e projetando para o passado. Hilário Franco Junior (2001, p.13), ressalta que “entendeu-se que a função do historiador é compreender, não a de julgar o passado. Logo, o único referencial possível para se ver a Idade Média é a própria Idade Média.” Essa mudança de visão, que marca a história a partir da Escola dos Annales, na primeira metade do século XX.

A Idade Média é cronologicamente o período que se estende do século V até o século XVI, ou seja, mais de 1000 anos de história. Muitos historiadores concordam e afirmam que a Idade Média teve início a partir da queda do Império Romano do Ocidente. Tradicionalmente, ela é dividida em duas fases, mas alguns historiadores a dividem em quatro que são: a “Primeira Idade Média” que vai a partir do século IV até o século VIII, um período que preconceituosamente alguns usam um termo de “antiguidade Tardia”, uma etapa que deixa as características do Império romano, mas não se pode dizer que é totalmente a Idade Média; depois é a Alta Idade Média que se entende a partir do século VIII até o século X, que Hilário Franco Junior afirma que:

Foi então que se atingiu, ilusoriamente, uma nova unidade política com Carlos Magno, mas sem interromper as fortes e profundas tendências centrífugas que levariam posteriormente à fragmentação feudal. Contudo, para se alcançar essa efêmera unidade, a dinastia Carolíngia precisou ser legitimada pela Igreja, que pelo seu poder sagrado considerava-se a única e verdadeira herdeira do Império Romano. (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 16)

Outra fase é a Idade Média Central que se estende do século XI até XIII, que se caracteriza pela época do feudalismo; e por último a Baixa Idade Média que se entende a partir do século XIV até o século XVI, que foi marcado por crise e a

transição para um novo tempo, era da modernidade. Sobre os últimos períodos concentram-se muito das pesquisas sobre as mulheres, especialmente no âmbito da vida religiosa e/ou no campo da literatura.

A economia da Idade Média, como se sabe, era fundamentalmente agrária, voltada para o campo; o sistema que mais predominou durante esse período foi o feudalismo, que consistia de facetas jurídicas, produtivas e políticas, baseadas em relações de vassalagem. Segundo o contrato feudo-vassálico, o vassalo, que neste caso era um nobre, tinha obrigação de oferecer prestação de serviços que eram desde acompanhar seu senhor em operações militares, questões jurídicas ou financeiramente quando necessitado, em troca de “benefício” ou “feudo”, que representava ganhos materiais e de poder. Isso acarretava em uma rede hierárquica de modo que um senhor feudal era vassalo de outro senhor, ocorrendo de um rei ser vassalo de outro, e fazendo a riqueza maior, a terra ou senhorio, ficar concentrado nas mãos de poucos da nobreza. O senhorio, muitas vezes dado na forma de feudo, era nome dado a uma propriedade de terra ou domínio, que ocorria de serem pertencentes à Igreja, Estado e os nobres. Hilário Franco Junior fala a respeito da relação do feudo com o senhorio. Vejamos:

O senhorio era um território que dava a seu detentor poderes econômicos (senhorio fundiário) ou Jurídico-fiscais (senhorio banal), muitas vezes ambos ao mesmo tempo. O feudo era uma cessão de direitos, geralmente, mas não necessariamente um senhorio (...) de fato, “das rendas do senhorio vive toda a sociedade feudal, do não livre ao senhor feudal. O que este retira em serviços e em dinheiro de seu vassalo, ele próprio senhor rural, não se concedia sem o suporte da terra, a qual é, frequentemente, a uma só vez senhorio rural e feudo”. (FRANCO JUNIOR, 2001.p.46)

Na Idade Média, a Igreja tinha um grande poder de influencia na sociedade, que impõem algumas leis de conduta para a sociedade, como deveria ser casto, o homem é o chefe da família, deveriam pagar dízimo os casos de heresias, bruxaria, assassinato, incesto e entre outros eram punidos, as punições mais comuns era a fogueira e a forca. O clero detinha de privilégios criavam mecanismos para que os leigos não a se tornarem membros Eclesiastes.

A sociedade medieval é formada por hierarquias, em primeiro lugar, ocupando o topo estava à aristocracia senhorial, depois vinham às camadas rurais e urbanas e na base se encontravam os trabalhadores livres e urbanos.

A vida cotidiana era marcada pela influência da igreja, era incentivado o casamento, de modo que a igreja pregava a castidade, o matrimônio. De modo que o homem era o chefe da casa e a mulher administrá-la e cuidar dos filhos.

Portanto a idade Média é marcada por elementos e fatos específicos da época, permitindo serem estudados através dos livros e análises de imagens, inclusive promove discussões se as imagens estão devidamente os caracterizando e não criando estereótipos e se os mesmos estão relacionados com os textos escritos.

2.1. Apresentação de imagens da Idade Média nos livros didáticos de História do Ensino Médio.

É notável a importância do livro didático para o ensino de História no Brasil, mas devemos nos perguntar se as informações presentes são adequadas para o estudo dos conteúdos no que diz respeito às imagens, no modo como projetam os fatos históricos, principalmente as imagens que estão representando o período da Idade Média. Portanto, para esta análise, foram selecionados quatro livros didáticos de História adotados pela Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho, da Cidade De passa e Fica/ RN, para serem usados durante os anos de 2007 até 2020 (Devido ao fato que o livro foi selecionado para ser utilizado entre os anos de 2018, 2019 e 2020).

Da leitura e análise procedida, para uma melhor compreensão da inserção de imagens nestes livros, apresentamos a tabela abaixo:

Tabela 1- Dados acerca das imagens da Idade Média nos livros didáticos do Ensino Médio.

Livros	Autores	Anos adotados	Temáticas predominantes	Capítulos	Nº de imagens predominantes	Nº de imagens das mulheres
Nova História crítica: ensino médio: volume único	Mario Furley Schmidt	2007	Europa Medieval; o reino carolíngio; a economia feudal; a sociedade feudal; as mulheres; as cruzadas; o império bizantino, cultura rica e variada.	1	8	4
História: volume único	Gislane campos Azevedo Seriacopi e Reinado Seriacopi	2009, 2010 e 2011	Europa feudal e o império carolíngio; o mundo feudal; suserania e vassalagem; As cruzadas; A arte e as Igrejas; economia urbana; a vida cotidiana, a peste negra.	3	10	1
História: das cavernas ao terceiro milênio	Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota	2015, 2016 e 2017	A expansão dos francos e o império carolíngio; a fragmentação do poder real; feudalismo: herança germânica e romana; a organização do senhorio; aristocracia; os trabalhos nos campos; mulheres e crianças; desenvolvimento intelectual e artístico; as cruzadas; peste e rebeliões; a agonia da ordem feudal.	2	8	1

Fonte: Própria autoria

À primeira vista nota-se que as imagens presentes nos livros didáticos analisados estão predominantemente ilustrando os conteúdos como: a sociedade feudal, o feudalismo, os castelos e igrejas góticas, poder da Igreja, o império carolíngio e as cruzadas. As questões do cotidiano ficam de lado em segundo plano, apenas é dedicado um pequeno texto e em alguns livros uma imagem apenas sem muito destaque sobre as mulheres, casamentos, crianças, danças e jogos medievais. Esses dados sugerem que a visão tradicional de abordagem persiste.

Com base nestes achados, procedemos à observação das imagens que sobressaem que são mais recorrentes e/ou mais destacadas nos livros, corroborando para a construção de significados sobre a Idade Média.

2.1.1. Imagens voltadas para catedrais e Igrejas medievais.

O livro didático “Nova História Crítica: ensino Médio: volume único” de Mario Schmidt inicia o capítulo sobre a Idade Média com uma imagem da Catedral gótica de Remis (França), destacada como símbolo do período.

Fotografia 1- Catedral Gótica de Riems (França)



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005, p.98.

A fotografia está em uma posição de destaque ocupando a maior parte da folha, como forma de representar a imagem tradicional do poder político e social que a Igreja tinha na sociedade Feudal-

No texto, o poder da Igreja é remetido quando SCHMIDT (2005, p. 80), destaca “(...) A única força unificadora era a Igreja. Porém a Igreja católica predominava na Europa Ocidental (...)”, de modo que afirmação poderia justificar a imagem e o espaço destinado, ter uma ideia do que o autor queria transmitir com isso, mas o mesmo não utiliza a imagem como documento, não o questiona e nem o explora no texto-

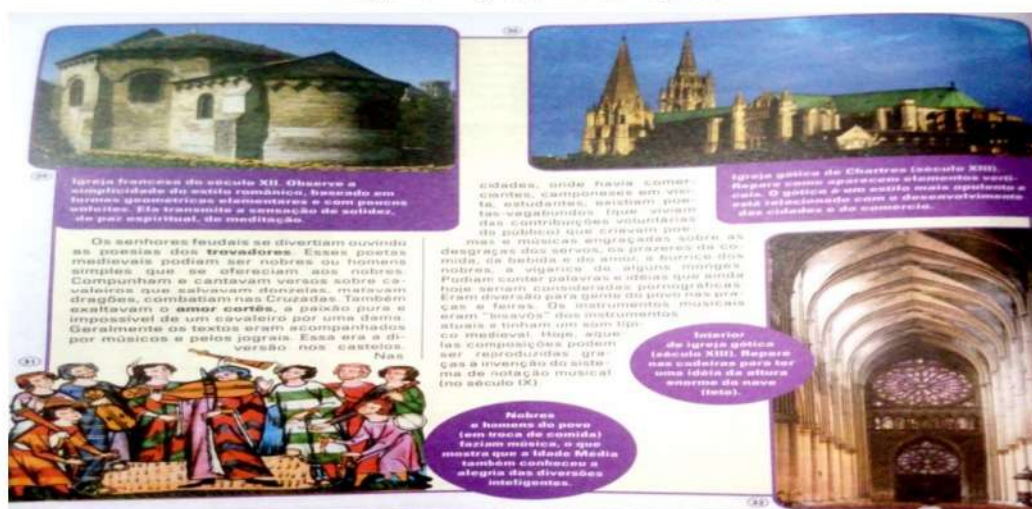
Schmidt exhibe no final do capítulo a mesma catedral, mas mostrando outro ângulo, o seu interior, junto em um quadro que descreve sobre os estilos arquitetônicos góticos e Românicos.

E com ela exhibe mais duas Igrejas: autor destaca na legenda de umas delas que a “Igreja francesa do século XI. Observe a simplicidade do estilo Românico baseado em formas geométricas elementares e com poucos enfeites. Ela transmite a sensação de solidez, de paz espiritual, de meditação.” (SCHMIDT, 2005, p. 98) E a Igreja gótica de Chartre a legenda descreve a “Igreja gótica de Chartres (século XIII). Repare como aparecem elementos verticais. O gótico é um estilo mais opulento e

está relacionado com o desenvolvimento das cidades e do comércio.” (SCHMIDT, 2005, p. 98) Nessas imagens o autor convida o leitor a realizar observações precisas de um determinado elemento da imagem e o texto está relacionando trazendo mais informações para as igrejas medievais.

O autor utiliza ainda várias imagens das Igrejas predominantemente no estilo gótico, são notáveis a importância da mesma na vida dos medievais, foi uma instituição que tinham um poder de influência tanto social quanto político. Portanto o autor as utiliza para reafirmar sua importância, principalmente quando destaca nas legendas detalhes marcantes, que mostra a grandiosidade das construções.

Fotografia 2- Igrejas no estilo gótico

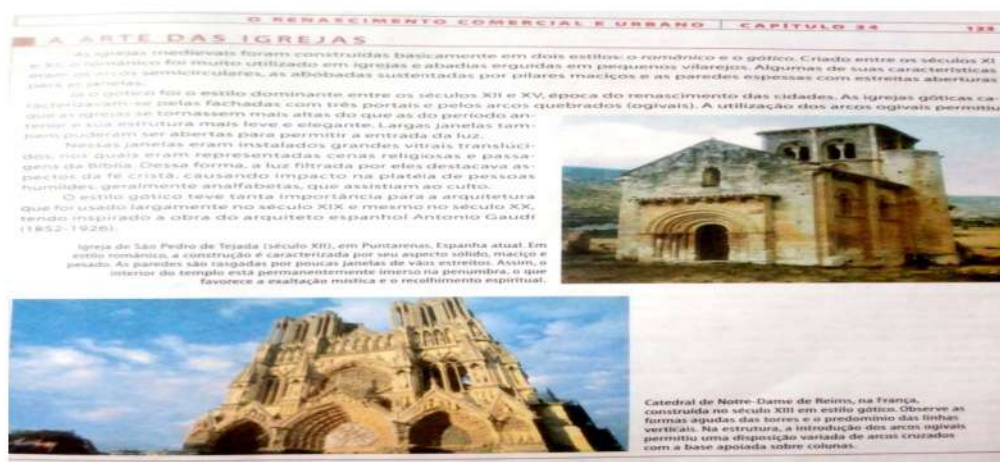


Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005, p.98.

A imagem da catedral gótica de Reims está presente em outros livros como “História: volume único” de Seriacopi G.C.A. e Seriacopi R. Mas em um ângulo diferente, com menos destaque, se encontra em um quadro na parte superior da página que fala sobre a arte das igrejas. Os autores utilizam a imagem para compor o texto trazendo mais informações, ocorrendo um diálogo indiretamente entre eles.

No mesmo quadro o autor expõe a imagem da Igreja de São Pedro de Tejada, que apresenta uma narrativa na legenda, descrevendo os elementos que compõe, conversando, portanto, com a mesma.

Fotografia 3- Igrejas estilos góticos e românticos



Fonte: Fotografia tirada do livro SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. História: 1. ed. Volume Único. São Paulo: Ática, 2005. P.123.

Também a Catedral de Notre-Dame de Reims está presente no livro “Historia: das cavernas ao terceiro milênio”, de Braick e Mota usam a imagem para afirmar o que estão afirmando no texto sobre as características das construções no estilo gótico, faz uma ponte entre o escrito e a imagem.

2.1.2. Imagens retratando o Império Carolíngio

Quando os livros abordam sobre o império carolíngio apresentam imagens que, apesar de serem diferentes, enaltecem o mesmo personagem, que marcou o período por ser o primeiro imperador a ter o apoio da Igreja em seu governo, que se trata de Carlos Magno.

A primeira imagem é do livro de Schmidt, que apresenta o rei Carlos Magno em um Vitral que a legenda descreve ser “Carlos Magno e seus cavaleiros. vitral do século XI, portanto bem posterior à época de Carlos Magno” (SCHMIDT, 2005, p. 82). A mesma mostra o imperador em destaque em relação aos demais personagens.

Fotografia 4- Vitral de Carlos Magno



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005, p.82.

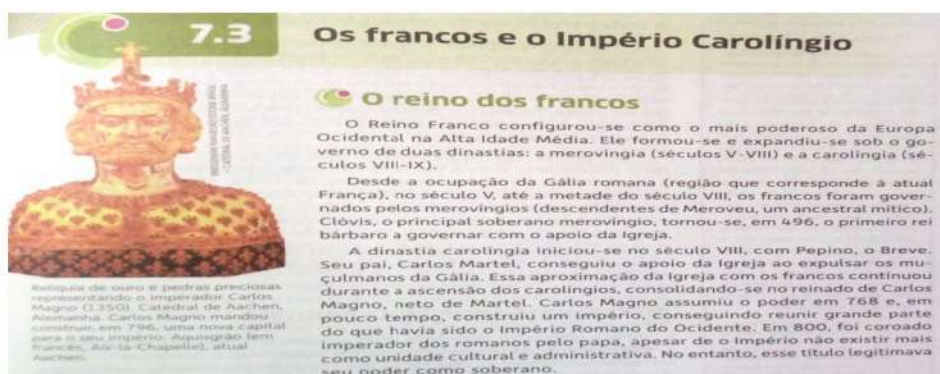
Imagem apresenta cores vibrantes em tom azul e vermelho, mostrando uma riqueza de detalhes, que chama atenção do autor, mas não há um diálogo do autor com a imagem, ela ilustra o que escreve no texto sobre Carlos Magno, de modo que descreve sua importância e conquistas.

Já o livro de Alves e Oliveira apresenta a Imagem de Carlos Magno, ocupando a parte superior do lado esquerdo da página, mostrando o poder aquisitivo e político que o rei possuía. Está ilustrando o texto que fala do reino dos francos e a coroação do mesmo para ser o imperador. A legenda apresenta uma descrição da imagem:

Relíquias de ouro e pedras preciosas representando o imperador Carlos Magno (1350). Catedral de Aachen, Alemanha. Carlos Magno mandou construir, em 796, uma nova capital para o seu império: Aquisgrão (em francês, Aix-la-Chapelle), atual Aachen. (OLIVEIRA;ALVES, 2016,p.145)

Mas não a usa como um documento, apenas como ilustração da imagem do imperador. O leitor só poderá fazer conclusões sem um direcionamento do autor e sem informações a cerca da mesma.

Fotografia 5 - Carlos Magno



Fonte: Fotografia tirada do livro ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. *Conexões com a História*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016, p. 145.

Já os livros de Braick e Mota e de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinaldo Seriacopi mostra a mesma imagem de uma estatueta de Carlos Magno, em cima de um cavalo com uma postura imponente, mostrando seu poder, engrandecendo sua figura. A presentando a importância do rei para as mudanças ocorridas na Europa durante seu governo. Mas as imagens apenas ocupam um espaço de ilustração do texto, de modo para trazer a imagem do rei, para os leitores saberem de sua importância.

2.1.3. Imagens que retratam a economia feudal

A respeito da economia o livro de Schmidt apresenta uma imagem que mostra uma cena em que soldados saqueiam uma casa, podem-se analisar objetos serem jogados pela janela e serem quebrados, inclusive um dos personagens da janela é feminina jogando pratos e vasos. A economia medieval é voltada para atividades agrícolas nos feudos, mas o autor traz a imagem para apresentar diferentes formas da economia, de enriquecer, também possível notar a simplicidade dos objetos, portanto possivelmente pertence a um indivíduo de ordem social mais baixa, já que a desigualdade social era presente. O autor na imagem acrescenta informações, de modo em que a sociedade feudal se enriquecia com os saques, mesmo não trazendo a informação no texto escrito.

Fotografia 6- Soldados saqueando uma casa



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. Ed. São Paulo: Nova Geração, 2005, p.82.

O livro de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinaldo Seriacopi expõe uma imagem que mostra um camponês trabalhando na terra em posição de destaque e um pouco atrás mostra quatro camponeses realizando a colheita e em plano de fundo tem um castelo. Na legenda está destacando:

Nas terras circundantes ao castelo, camponês utiliza a charrua espécie de arado que permitia revolver o solo mais profundamente que aqueles anteriormente utilizados. A invenção significou grande inovação tecnológica para a rudimentar agricultura medieval, amenizando o problema da baixa produtividade agrícola. (SERIACOPI R. e SERIACOPI G. C.A.,2005, p.110)

Fotografia 7- Camponês trabalhando com uma charrua



Fonte: Fotografia tirada do livro SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. **História**: volume Único. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

A imagem se encontra em um quadro explicativo que fala sobre os castelos medievais, a imagem representa e dialoga com o texto, de forma que à medida que se ler podemos observar a imagem com os elementos descritos no texto como "(...) os castelos eram fortalezas que protegiam dos ataques inimigos os senhores

feudais, sua família e seus dependentes. Cercados por altas muralhas (...)” (SERIACOPI R.; SERIACOPI G.C.A., 2005, p. 110), mas o que chama atenção é que a legenda está descrevendo o trabalho do camponês como personagem principal, já que possui destaque na imagem em quanto o texto foca no castelo que é o plano de fundo sem muito destaque. O texto ainda destaca no último parágrafo que as mulheres que ficavam encarregadas do suprimento de alimentos, roupas e dirigir os trabalhos domésticos dos empregados.

A mesma imagem está presente no livro de Braick e Mota, esta compondo o texto que fala sobre a fragmentação do poder real, enquanto a imagem do outro livro na legenda destaca o camponês, nessa as autoras chamam atenção do olhar do leitor para voltar para o castelo, na legenda apresenta:

Camponês trabalhando nas terras de do nobre João de Valois, o duque de Berry (1340-1416). Iluminura dos irmãos Limbourg para a página do mês de março do livro As riquíssimas horas do duque de Berry, século XV. Museu Condé, Chantilly, França. Qual é a construção que aparece representada no fundo da imagem? Você sabe dizer qual era a função dessa construção?(BRAICK; MOTA, 2013, p.124)

Nota-se que o autor procura ter um diálogo com o leitor, direcionar seu olhar para um determinado ponto que acha importante através de questionamentos.

Ainda as autoras Braick e Mota em seu livro exibe uma imagem que mostra três camponeses realizando a colheita curvada enquanto um senhor em pé de espada apontando para frente, mostrando uma cena de servos e senhor, na legenda apenas descreve informações sobre a obra, não apresentando uma interpretação da mesma, esta compondo o texto que fala sobre o trabalho do campo a imagem mostra indiretamente uma relação já que o texto fala das formas de servidão como a corveia, a talha e gleba.

Fotografia 8- Camponeses no trabalhando na colheita



Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 129.

Esta mesma imagem está presente no livro de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinaldo Seriacopi, a diferença é que está em menos proporção, com as cores predominantemente amarelo, dificultando enxergar os detalhes. A imagem se encontra em quadro que informa sobre as instituições agrárias do mundo feudal a legenda trás informações sobre o trabalho servil do camponês como os autores apresentam. Vejamos:

Iluminura do Início do século XIX representando o trabalho agrícola realizado por servos sob o regime da corveia, trabalho gratuito e compulsório que o camponês deveria prestar em alguns dias da semana na reserva senhorial. Entre as tarefas mais comuns estavam pescar, lavar, semear, colher e derrubar. (SERIACOPI R.; SERIACOPI G. C. A., 2005, p. 112).

A legenda não traz tantas informações sobre os dados do quadro, mas traz uma ideia mais geral do sistema que os personagens ilustrados estavam sendo submetida, a imagem pouco permite obter e explorar mais informação usa-la como uma fonte informação, apenas esta em uma posição de ilustração.

Já o livro de Alves e Oliveira apresenta uma imagem de uma iluminura de três pessoas trabalhando na terra, provavelmente camponeses, dois deles estão empurrando e puxando uma espécie de capinadeira utilizada atualmente, e o terceiro está possivelmente jogando sementes no solo, da para notar pontos marrons saindo de sua. Está apenas ilustrando o texto que aborda sobre o senhorio e a unidade de produção feudal, destacando os tipos de obrigações dos servos para seus senhores feudais.

Fotografia 9- Atividade Agrícola



Fonte: ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. Conexões com a História. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016, p. 145.

Braick e Mota em seu livro apresentam camponeses trabalhando e transportando a colheita, está presente para ilustrar o texto que fala da organização do senhorio.

Fotografia 10- Camponeses trabalhando e transportando a colheita

A organização do senhorio

O senhorio era a unidade de produção básica no feudalismo. Ele tendia a ser autossuficiente, ou seja, a produzir o necessário para a sobrevivência dos seus moradores. O castelo, fortaleza e residência da família senhorial, era o centro da propriedade. Os senhorios dividiam-se em três partes principais:

- **Manso senhorial**: correspondia a aproximadamente um terço do feudo e era cultivado pelos camponeses. Eles trabalhavam gratuitamente nessas terras alguns dias da semana, obrigação que recebia o nome de **corveia**. Toda a produção dessas terras pertencia ao senhor feudal.
- **Manso servil**: faixa de terra dividida em lotes para o cultivo pelos camponeses. Em troca, eles deviam entregar parte da produção obtida nessas terras ao senhor, obrigação que recebia o nome de **talha**.
- **Manso comum**: terras de uso coletivo, ou seja, os produtos nelas existentes podiam ser retirados por todos os moradores do feudo. As terras de uso comum eram compostas dos terrenos baldios, das áreas para a criação de gado e dos bosques, de onde se retiravam lenha e mel e se praticava a caça.

Lima vez que a produção se destinava ao consumo interno, sem visar à obtenção de excedentes para a venda de bens agrícolas ou artesanais para fora dos senhorios restringiu-se ao mínimo. Por isso, o comércio na Europa do período feudal teve um grande decréscimo.

Objeto educacional digital
- Escaneado de um senhorio.

Colheita e transporte, cenas do manuscrito do Livro de Salomão, de Luttrell, 1300-1340. Biblioteca Britânica, Londres. Museu Inglês, Geoffrey Luttrell para uma viagem religiosa por certos da vida cotidiana, cores desbotadas para o trabalho dos camponeses.

Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013

Pode-se notar que a imagem superior mostra um homem segurando pelos ombros um objeto que não permite identificar claramente, ele se encontra em pé enquanto os outros personagens estão curvados, possivelmente servos, mostrando uma posição superior aos demais, provavelmente um senhor ou um funcionário com posição elevada. Como afirma Eco:

Cada mansus é concedido pelo senhor a uma família de camponeses, servos (que estão ligados a casa) ou colonos (livres). Independentemente da sua condição jurídica, os camponeses dos mansi são obrigados a entregar anualmente ao senhor ou ao seu administrador tributos em espécie, censos em dinheiro (mais raramente) e, como já mencionámos, prestações de trabalho (corvéés) no dominicum, em momentos de particular necessidade como, por exemplo, a lavra ou a ceifa. (ECO, 2010, p 192-193)

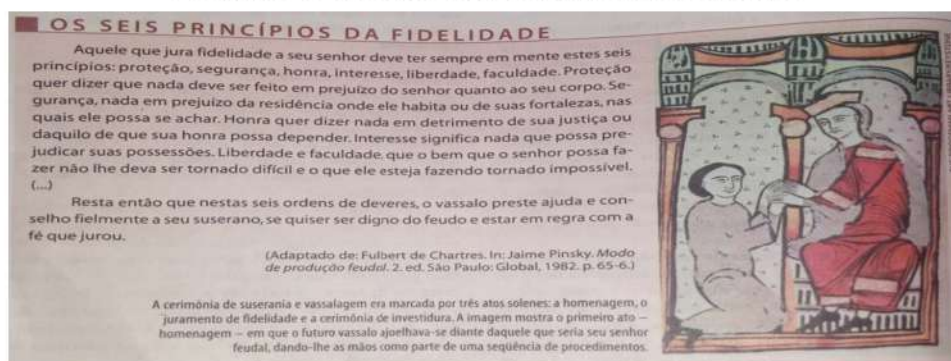
2.1.4. A relação de vassalagem

Em três livros didáticos apresentam imagens que retratam as relações de vassalagem, mostrando o momento da homenagem, sempre com um dos personagens de joelhos e o outro sentado.

No livro de Seriacopi R. e Seriacopi G.C. A. Mostra a imagem representando uma cerimonia de suserana e vassalagem, a mesma se encontra em um quadro que aborda sobre os seis princípios da fidelidade, na legenda traz a informação de que:

A cerimônia de suserania e vassalagem eram marcadas por três atos solenes: a homenagem, o juramento de fidelidade e a cerimonia de investidura. A imagem mostra o primeiro ato- homenagem- em que o futuro vassalo ajoelha-se diante daquele que seria seu senhor feudal, dando-lhe as mãos como parte de uma sequencia de procedimentos. (Seriacopi G.C. A.; Seriacopi R., 2005, p.110)

Fotografia 11- A cerimonia de suserania e vassalagem



Fonte: Fotografia tirada do livro SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. História: volume Único. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

A imagem faz relação com o texto escrito que traz informações como deveria o vassalo cumprir seu juramento, de modo que a legenda vem acrescentar focando na descrição da imagem, sobre a vassalagem Franco Junior afirma:

Este ritual inclui um juramento público em que o gesto de pôr as mãos nas mãos do senhor, derivado da tradição da *commendatio romana*, é reforçado por um juramento de fidelidade com valor sacro, prestado sobre os textos

sagrados e as relíquias. No juramento de vassalagem franco confluem, portanto, num ritual de forte valor simbólico, formas diversas de fidelidade pessoal, testemunhos do encontro de tradições jurídicas, sociais e militares romanas, célticas e germânicas. (FRANCO JUNIOR, P.157)

No livro de Alves e Oliveira traz uma imagem quase idêntica a anterior (Fotografia 11), o que difere são as linhas e cores do desenho. A imagem apenas ilustra o que os autores informam no texto sobre o juramento de vassalagem, a mesma pode-se notar como era o ritual que estava estabelecido ao se tornar um vassalo do senhor feudal.

Fotografia 12- Vassalo prestando homenagem ao suserano



Fonte: Fotografia tirada do livro ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. *Conexões com a História*. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2016, p. 145.

Ambas mostram o vassalo de joelhos segurando a mão de seu senhor que esta com o rosto voltado para ele, ate o plano de fundo se assemelham com colunas. Se parecem e estão transmitindo as mesmas informações, ambas estão ilustrando textos que retratam a cerimonia de vassalagem.

O livro de Braick e Mota apresenta uma imagem de um rei prestando homenagem ao outro, destacando que até entre os reis tinham relações de vassalagem, a legenda informa que a "Iluminura representando o rei da França Felipe XI recebendo homenagem do rei Eduardo I da Inglaterra, século XIV. Biblioteca Nacional da França, Paris. Até mesmo os monarcas, que também eram nobres, estabeleciam relações de vassalagem entre si". (BRAICK: MOTA, 2013, p. 125) pode-se notar além dos personagens serem de uma hierarquia diferente, a vassalagem entre os reis contem um publico que presencia a cena, de modo que as anteriores só havia os dois o vassalo e o suserano. A mesma esta compondo o texto que fala sobre o feudo e a relação de vassalagem.

Fotografia 13- Rei prestando Homenagem a outro



Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

2.1.5. Imagens retratando cavaleiros e as cruzadas

Os livros didáticos também mostram imagens a respeito dos cavaleiros e das cruzadas que foi um marco na Idade Média. O livro de Braick e Mota (2013, p.129) mostra um cavaleiro segurando estandarte, a legenda destaca “Cavaleiro segurando estandarte representado em miniatura de 1434. Biblioteca Cívica, Pádua, Itália”. A imagem mostra a imponência do cavaleiro com sua armadura e seu cavalo, preparados para a cruzada, está ilustrando o parágrafo que comenta sobre as características do mesmo, o corre uma relação entre a imagem e o texto.

Fotografia 14- Cavaleiro medieval

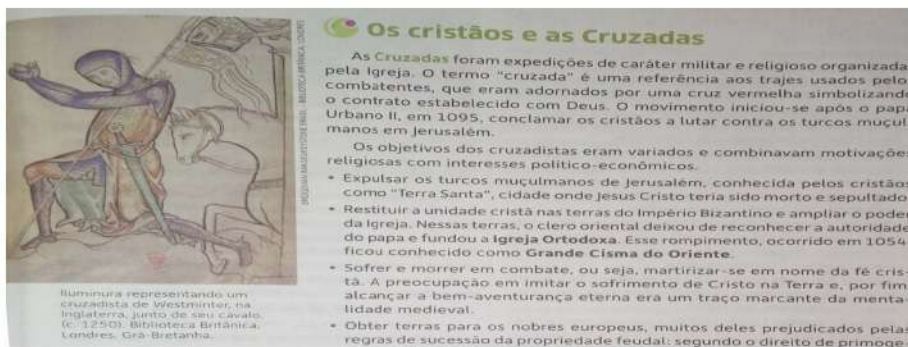


Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

O livro de Alves e Oliveira apresenta uma imagem de um cruzadista, tem características da imagem do rei prestando homenagem a outro (fotografia 13), como a presença de um cavalo, a armadura, também segura um estandarte, só que o cruzadista se encontra em uma posição a joelhado com os braços erguidos que

poderia está orando. Na legenda esta escrito que a “Iluminura representando um cruzadista de Westminter, na Inglaterra, junto de seu cavalo, (c.1250). Biblioteca Britânica, Londres, Grã-Bretanha.” (ALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 151). A imagem esta ilustrando o texto que fala sobre as cruzadas e a missão dos cruzados.

Fotografia 15- Cruzadista de Westminter



Fonte: Fotografia tirada do livro ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. Conexões com a História. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016, p. 145.

No livro Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinaldo Seriacopi apresenta à imagem que retrata três momentos da sétima cruzada a legenda descreve:

Iluminura só século XV que descreve três momentos da sétima Cruzada, sob o comando de Luís IX, rei francês canonizado como São Luís. No alto, Luís é transportado de navio pelo rio Nilo. À esquerda, cena de batalha contra os muçulmanos. À direita, o rei ajuda a enterrar guerreiros mortos no cerco à fortaleza cristã de São João D'acre, sob o comando de Luiz IX, rei francês canonizado como São Luiz, o autor descreve na legenda que no alto, Luiz é transportado de navio pelo Rio Nilo; a esquerda, cena da Batalha contra os muçulmanos; e a direita o rei ajuda a enterrar guerreiros mortos no cerco na fortaleza cristã de São João D'Ácre. (SERIACOPI G.C. A; SERIACOPI R., 2005, p.117).

Os autores na legenda descreve a cena, indicando para o (a) leitor (a) onde cada cena está localizando, está compondo o texto que aborda sobre as cruzadas, a cena mostra bem como foi o evento da época, permite ter uma ideia de como era as cruzadas, e a imagem permite nitidamente observar os detalhes.

Fotografia 16- Cenas da 7ª cruzada



Fonte: Fotografia tirada do livro SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. História: volume Único. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

A imagem apresenta as três cenas mostrando as cruzadas comuns na Idade Média, com riquezas de detalhes.

O livro de Braick e Mota e de Schmidt utilizam a mesma imagem sobre as cruzadas que trata do o cerco da Antioquia. As imagens apresentam cores de tons diferentes um mais claro que o outro, em ambas o autor dialoga com o leitor sobre a imagem. O livro de Braick e Mota apresentam informações direcionadas ao leitor (a) para observa os detalhes na tela quando fala que usavam escudos, e afirma que cada um tinha um desenho diferente ou quando afirma que a pintura foi feita pelos cristãos europeus por tanto mostra os muçulmanos derrotados com partes do corpo no chão, como é descrito na legenda:

O cerco de Antioquia (1097- 1098), iluminura da obra *Le roman de godefroi de bouillon*, manuscrito francês do século XVI. Biblioteca Nacional da França, Paris. Durante a primeira Cruzada, os cruzados tornaram a cidade de Antioquia, atual Antakya, na Turquia. Você consegue identificar os cruzados e os muçulmanos nesta pintura? Que elementos da pintura remetem a cada um deles? (BRAICK; MOTA, 2013, p. 152)

Fotografia 17- O cerco de Antioquia



Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

Quando os autores fazem questionamentos para o leitor a cerca da imagem, de modo que o fara analisa-la sem precisar necessariamente com olhar voltado para a leitura do texto. O texto faz uma relação com a imagem, trazendo mais informações acerca das cruzadas.

Já o livro de Schmidt que apresenta a mesma imagem descreve na legenda que:

Os muçulmanos vestem roupas leves e as espadas têm formato próprio. A pele é escura. Os cruzados protegem-se com armaduras pesadas (o que poderia ser uma desvantagem porque perdiam agilidade) e escudos (cada nobre com sua pintura). A gravura foi feita pelos cristãos europeus, e por isso só aparecem os mortos do inimigo (veja os pedaços de corpos espalhados pelo chão). (SCHMIDT, 2005, p. 91)

Os autores levam uma questão importante que explica o porquê dos muçulmanos estarem sendo derrotados, já que a imagem retrata a visão dos cristãos europeus pelo ocorrido. Os autores usam a imagem para ilustrar o texto que fala das cruzadas uma tentativa da igreja Católica de expandir seus domínios.

2.1.6. A peste negra

Um dos elementos discutidos nos quatro livros remete a uma epidemia que assolou a Europa na Idade Média, matando parte da população, provocando fome e miséria. A imagem mais impressionante é do livro de Braick e Mota, que mostra uma pintura com grande destaque ocupando a maior parte da pagina, mostra um cenário de guerra vários corpos amontoados, fogo por toda parte, caveiras carregando pessoas e cortando os membros dos corpos provavelmente simbolizando a morte, animais por toda parte, árvores queimadas, pessoas tentando fugir, mostrando e fazendo o leitor sentir o caos provocado pela Peste Negra. A legenda da imagem informa que se trata “O Triunfo da morte (detalhe), 1562, pintura de Pieter Bruegel. Museu do Prado, Madri. A obra é uma representação dos horrores da peste e das incertezas do homem medieval.” (BRAICK; MOTA, 2013, p. 155).

Fotografia 18- O Triunfo da Morte



Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 155;

O livro de Schmidt Mostra a ilustração do século XV, mostra a morte lançando a peste sobre o homem, o que chama atenção nessa imagem é que a morte está em cima de um cavalo usando um arco e flecha enquanto o homem de cota com a mão no rosto é flechado no pescoço, isso remete ao imaginário religioso do homem medieval. A imagem localiza na parte superior do lado direito, não tem tanto destaque quanto a anterior.

Já os livros de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinado Seriacopi e de Alves e Oliveira mostram a mesma a imagem, A morte negra em Tournai (1349), pintura de Giles-le-Muisit Biblioteca Real da Bélgica, Bruxelas, representa pessoas levando caixões nos ombros em um cemitério, surge pessoas cavando e enterrando seus mortos vítimas da peste. A pintura do segundo livro apresenta mais destaque e tem uma melhor resolução.

Quando partimos para o cotidiano da Idade Média, percebe-se um número menor de imagens, os livros pouco os retratam, mostrando apenas uma imagem sombria do período. No livro, Schmidt mostra logo na sua segunda página do conteúdo (pag. 81), mostra a imagem de uma ilustração do século XV, mostra casais dançando ao ar livre para afirmar outras imagens possíveis da Idade Média, como a

alegria, e utiliza cores vibrantes e alegres, para fugir da imagem tradicional desse período.

Portanto, percebemos que os livros iniciam mostrando uma visão diferente da Idade Média discutindo o preconceito remetido, mas terminam mostrando as imagens predominantes de temas clássicos, de modo que a história das mulheres e a vida cotidiana da sociedade Medieval, se tornando todos os menos frequentes percebemos que os livros têm a maior preocupação de mostra o poder da igreja, a economia feudal, a política, os reis do que, do que a história de personagens que a história cultural resgata, dos livros analisado percebe-se que o mais completo e tem uma proposta inclusive de trazer um novo olhar da idade Média é o livro de Schmidt e de Braick e Mota por que tentam mesmo insuficiente dialogar com a imagem e que traz esse olhar de uma idade média mais iluminada trazendo as mulheres mesmo em segundo plano que analisaremos posteriormente. Os autores estão preocupados com o leitor interpretar as imagens corretamente, mostrando o caminho que o olhar deve seguir, e sempre mostra sua opinião e crítica sobre os assuntos.

3. Mulheres medievais: história e imagens nos livros didáticos

Antes de passarmos a focar nas imagens propriamente na representação das mulheres medievais nos livros didáticos, consideramos necessário fazer alguns destaques e considerações ao campo da história das mulheres e da presença destas nos estudos do medievo.

Na atualidade o estudo sobre as mulheres vem crescendo consideravelmente, isso ocorre em grande medida devido ao fato do campo da História cultural e pela atuação e influência do movimento feminista, que reivindicou a participação das mulheres na construção histórica. Isso tem resultado no fato de as mulheres passarem a ser tratadas como sujeitos da História. A respeito, Maria Filomena Dias Nascimento diz:

História das Mulheres é um movimento historiográfico que, há mais de duas décadas, vem atraindo a atenção de pesquisadores e cooptando adesões entusiastas de ensaístas. Apesar dos anos transcorridos, devemos reconhecer que o tema continua a despertar bastante interesse, não somente nos meios acadêmicos, mas também entre o público em geral. Este sucesso, sem dúvida, deve ser entendido e contextualizado dentro da própria história do movimento feminista que, entre outros aspectos, chamou

a atenção para a necessidade de a mulher ser vista como sujeito histórico e, conseqüentemente, como possível objeto de estudo. (NASCIMENTO, 1997, p.82)

As mulheres na Idade Média, de modo geral, eram vistas como seres inferiores e que deveriam ser submissos à figura do homem. Umberto Eco destaca o pensamento dos autores medievais que "(...) são substancialmente concordantes em insistir na imperfeição e insuficiência da natureza da mulher, nascida para viver subordinada ao homem." (ECO, 2010, p. 233).

A imagem da mulher como ser inferior frágil e submissa foi disseminada pela Igreja, que a remetia a Eva, que era motivo de tentação que podia levar ao homem ao pecado, portanto, a mulher passava por isso devido ao fato de ter sido expulsa do paraíso. Maria Filomena Dias Nascimento destaca em seu texto:

Mas, já com anterioridade ao século XIII, pode-se perceber que a Igreja está profundamente afetada pela imagem negativa que a tradição judaica criou em torno à primeira mulher: Eva. Segundo Filo, filósofo responsável pela difusão da explicação da inferioridade feminina dentro da sociedade judaica, Eva é um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, pelo que é necessário submetê-la à tutela masculina. Ao ser a primeira mulher, Eva passa a projetar sua carga de pecadora sobre a existência feminina. E embora ela tenha sido criada a partir do homem - e por isto seja parte integral da essência humana- ela representa a parte vulnerável deste. Ela é a responsável pela perda do Paraíso. (NASCIMENTO, 1997, p.85-86)

Portanto percebe-se que as mulheres foram sendo discriminadas por uma doutrina religiosa que foi inserida e incentivada em uma sociedade patriarcal. A autora Maria Filomena Dias Nascimento (1997, p.86) em outra passagem destaca que "estas ideias tiveram ampla difusão dentro do mundo medieval e eram principalmente os homens da Igreja os encarregados de disseminá-las. Para eles estava claríssimo que a mulher era um perigo carnal e espiritual a ser evitado".

Mas a condição da mulher aos longos dos anos na Idade Média passa por mudanças, porque a condição das mulheres do campo mudava em comparação das mulheres urbanas, que tinham mais "direitos" quando comparadas com elas, ou seja, a condição da mulher variava de acordo com sua classe social. Como afirma Umberto Eco:

Outra coisa é, todavia, a situação da mulher real, que ao longo de toda a Idade Média varia segundo as etnias, as classes sociais e o contexto urbano ou rural de cada momento histórico específica. A condição de

inferioridade que obriga a mulher a viver <<sob tutela>>, sujeita à autoridade de um homem, encontra uma exceção na condição da mulher da classe nobre, à qual, com base numa *consuetudo* que no exercício de autoridades concretas se sobrepõe à própria lei, não é proibido assumir dignidades e o exercício do poder. (ECO, 2010, p. 234)

As mulheres na Idade Média não tinham direito a sucessão, esse privilégio era destinado ao primogênito do sexo masculino que cuidaria da fortuna e bens da família, as mulheres recebiam como benefício apenas um dote quando se casasse, mas seria administrado pelo marido. Essa medida se dava pelo fato de impedir que o patrimônio da família se dissolvesse, já que quando se casasse a mulher passaria a ser da família do marido:

(...) A linhagem beneficiava exclusivamente os componentes do sexo masculino nas regras de sucessão da herança familiar, Até então as mulheres já era prejudicada no momento da sucessão. Daí em diante, apenas o filho primogênito passou a herdar a maior parte das posses (...). As filhas foram totalmente excluídas da sucessão. (MACEDO, 1999,14-15)

Quando ficava viúva sua situação não mudava já que não herdava bens do marido, que passaria para seus filhos. José Rivair Macedo (1999, p. 15), destaca essa situação em seu livro “A mulher na Idade Média”, onde afirma que “na nova família, quando viúva, também não tinha direito à herança. Nesse caso, apenas mantinha a posse dos bens doados pelo seu pai e das arras, um contradote, uma recebida do esposo na ocasião do matrimônio”.

Os casamentos tinham o principal objetivo de continuar a linhagem, era um acordo entre as famílias, de modo que as mulheres eram apenas entregue pelos seus pais aos seus maridos passivamente, sem ter poder de decisão, mas em algumas regiões as mulheres conseguiam se desvincular desse sistema de entrega e posse de seus pais e maridos, como afirma José Rivair Macedo:

(...) Entre 1140 e 1282 vários casos de mulheres que pagaram somas aos funcionários do rei para terem independência na realização do matrimônio. Três mulheres, Emma de Normanville, Roheisa e Margareth, prestaram contas de 10 marcos para terem licença de se casar onde quisessem. Alice, condessa de Warwick, prestou contas de 1000 libras para que permanecesse viúva enquanto lhe agradasse, a guarda sobre os filhos que teve com o marido falecido. (MACADO, 1999, p.15-16)

Inclusive o fato de o homem demonstrar amor ou paixão por sua esposa era considerado pela Igreja e a sociedade um fraco, imaturo, adúltero. Elas eram suscetíveis aos castigos como punições empregadas por seus maridos ou pais. José Rivair Macedo (1999, p.22) destaca que Aí também a surra conjugal era um direito

do marido. O hábito brutal dos homens é notado num provérbio da época e da região “Quem bate na mulher com uma almofada, pensa aleija-la e não lhe faz nada”.

As mulheres eram vistas unicamente para serem mães, principalmente de filhos homens, porque poderia ter seus respeitos e amparada por eles quando se tornasse viúva, caso não tivesse filhos tinha que ir para os mosteiros seguir a vida religiosa, como afirma Macedo:

(...) Não bastava ser esposa, muito menos viúva. Era preciso que fosse mãe. A capacidade de gerar filhos, principalmente do sexo masculino, garantia-lhe um lugar entre os demais familiares. Sendo mãe, quando viúva teria certa ascendência, ao menos moral, sobre os filhos. Não o sendo, apenas um destino era-lhe reservado: o casamento místico com Cristo.” (MACEDO, 1999, p. 24).

As mulheres medievais eram ensinadas desde cedo a serem discretas, não falar muito, serem humildes sem cobiçar riquezas, deveriam permanecer no ambiente privado e doméstico, muitas vezes eram proibidas de aprender a ler e escrever porque acreditavam que:

Caso fosse instruída estava à mercê de rodeios e galanteios dos homens. (...) Se fosse pobre, teria que trabalhar para sobreviver. Rica, ainda assim deveria conhecer o trabalho doméstico para administrar e supervisionar o serviço dos seus domésticos e dependentes. (MACEDO, 1999, p. 25)

Portanto, tinham que apenas aprender a fiar, bordar e serviços domésticos como afirma Macedo (1999, p.26), “No lar e fora dele fiar e bordar eram atividades femininas”.

A realidade das mulheres medievais mudava dependendo de sua ordem social, se fossem camponesas ou servas tinham que trabalhar nas terras ou na casa em serviços domésticos em propriedades senhoriais. Se no caso fossem casadas deviam acompanhar o marido e trabalhar ao seu lado e quando se tornavam viúvas tinham que continuar a trabalhar, se tinha filhos ao lado deles, se não sozinhas. Macedo destaca sobre as atividades que elas exerciam. Vejamos:

Os documentos senhoriais registram a participação feminina em inúmeros serviços. Ela plantava ervilhas, feijão, pescava, batia o trigo, ordenhava as vacas, tosquiava os carneiros. Apenas deixava de cultivar e lavrar a terra. (MACEDO, 1999, p.27)

Essa realidade mudava um pouco quando se tratava das mulheres nobres, aristocratas, que exerciam mais poder em comparação aos camponeses, por que caso seus maridos viajassem por motivos de guerras ou por outros quaisquer, deixavam suas esposas a cargo da administração dos bens da família, em alguns casos inclusive se tornavam senhores feudais. Como afirma Macedo:

Muitas mulheres, rompendo as disposições dos costumes, exerciam os direitos de um senhor feudal. Conseqüentemente foram verdadeiras líderes, mais ou menos poderosas, de acordo com a extensão dos domínios sob sua posse. Geralmente eram viúvas, tutoras dos filhos menores. (MACEDO, 1999, p.31)

Portanto houve uma diferença significativa no tratamento das mulheres camponesas e nobres, inclusive Maria Filomena Dias Nascimento (1997, p. 09) destaca que "(...) definitivamente, dentro da sociedade feudal tinha mais poder uma mulher nobre do que um homem camponês".

Um dos casos mais emblemáticos e conhecidos na Idade Média que envolve as mulheres foi às caças às bruxas e feiticeiras e o repúdio às prostitutas pela Igreja e sociedade, de modo que as mulheres consideradas eram punidas por heresias e condenadas a forca ou a fogueira. Jose Rivair Macedo (1999, p.60), diz que "hereges e bruxas, indesejáveis, foram sistematicamente eliminadas. As praticas sexuais explícitas no caso de prostitutas e implícitas no caso das bruxas, constitui o elemento essencial causador da exclusão".

Mas com essa realidade da sociedade medieval, ocorrem muitos casos de mulheres santificadas, devido ao fato das mesmas serem mais participativas nas obras evangelizadoras, inclusive Macedo (1999, p. 77) declara que "é curioso descobrir essa proliferação de santas numa época na qual o preconceito e o desprezo afetam o sexo feminino".

Além de muitas mulheres terem sido consideradas santas, algumas conseguiram quebrar a barreira e se expressar através de verso e da escrita, houve muitas poetisas que dedicavam seu tempo a escrever, mostrando o pensamento feminino, como Maria de France, uma nobre que escrevia sobre história de amor, que o homem era ainda o centro da trama mais, eram a figura feminina que tinha o papel decisivo na trama, no livro de José Rivair Macedo destaca:

Ao contrário da dama dos poemas trovadores, as heroínas criadas por Maria de France têm vida própria. Muitas vezes o motivo do conto é

consequência de uma ação feminina. No *lai* dos dois amantes, *Deux amants*, é a jovem amada quem propõe uma solução ao amado para que ele lute pelo seu amor. (Macedo, 1999, p.80)

A poetisa torna seus personagens uma representação dos sentimentos feminina, que Macedo destaca em seu livro que “O amor, segundo Maria de France, difere daquele apresentado pelos escritores da época. As mulheres desejam e lutam pelos seus homens.” (1999, p. 80).

Outra poetisa muito importante no medievo era Cristina de Pisan, que escrevia sobre o amor, o que as mulheres sentiam com a distância de seu amado, questionava a forma como elas eram desrespeitadas pelos seus amados, principalmente o clérigo dedicou-se a escrever sobre as dificuldades que as mulheres independentes de sua classe poderiam vir a sofrer no futuro, já que a mesma após a morte do marido teve que criar os seus três filhos sozinhos sem uma ajuda financeira deixada pelo marido, nem sabia como administrar, aprendeu na prática. Como afirma Macedo (1999, p. 85), “Sua preocupação com a situação das mulheres foi constante. Além de defendê-las, procurou informa-las das possíveis dificuldades que enfrentariam na vida, preparando-as para enfrentar e superar os obstáculos”.

Outra personagem que surge que mostrou a vontade de a mulher se sobressair sobre os ditos da sociedade foi Joana D’arc , que era uma pastora que foi responsável pela vitória da França sobre os ingleses. Inclusive, Macedo destaca sobre a alegria de Cristina sobre Joana D’arc, que afirma:

O entusiasmo de Cristina tinha razão de ser. Seus dois maiores desejos realizavam-se de uma só vez. A França estava sendo libertada, e pela intervenção de uma mulher, uma moça simples, do povo. Para a velha poetisa, que passou longos anos tentando convencer os demais que eles estavam errados ao desprezar as mulheres, que elas eram indispensáveis ao bom equilíbrio da sociedade (...). (MACEDO, 1999, p 86)

Os clérigos e a classe política condenaram Joana D’arc por heresia, eles tiveram o intuito de condena-la, já que queriam acabar com a fé, e provavelmente impedir que casos como esse voltasse a acontecer, ela foi condenada a fogueira, para justificar sua condenação alegavam ser por causa das roupas que usava, de modo que eram trajes masculinos, portanto cometeu um pecado, mas Jose Rivair Macedo afirma:

Na verdade, o problema não era a roupa que usava, mas o que fazia quando vestida. Ela liderou homens, alcançando sucesso onde líderes anteriores fracassaram. Rompeu com a ordem natural das coisas. A fé inabalável e o carisma levaram-na a desempenhar um papel até então desempenhado pelo "sexo viril". (MACEDO, 1999. 89)

Nota-se que a mulher não foi durante a Idade Média totalmente passiva, muitas lutava diretamente ou indiretamente contra as regras da sociedade que as impôs a essa condição, portando o estudo da mulher medieval se faz importante para compreender o contexto histórico, e colocar não como ser exclusivamente passivo.

3. 1. As mulheres medievais nas imagens de livros didáticos de História

Como foi visto, as mulheres exerciam uma função importante na sociedade mesmo que sua figura seja atrelada historicamente ao preconceito, sendo comumente considerados seres submissos não protagonistas dos acontecimentos. Mas, de que modo elas aparecem, quando e como são retratadas nas imagens dos livros didáticos que examinados, é o que passamos a destacar agora.

Com a análise das imagens da Idade Média nos livros notamos que a figura da mulher permanece em segundo plano, apenas sendo às vezes dedicado um pequeno texto acompanhado de uma imagem, e alguns insistem em destacar as mulheres como seres passivos enquanto outros combatem essa ideia.

No livro de Schmidt, pouco se fala das mulheres e poucas são retratadas nas imagens; mas, é importante destacar que o autor sempre utiliza os termos "homens e mulheres" ao falar dos aspectos da população da Idade Média, o que demonstra certa atenção com a questão dos gêneros, uma preocupação em inserir as mulheres como sujeito constituinte do processo histórico. Como o trecho descreve "O que chamamos de civilização medieval é tudo aquilo que homens e mulheres criaram na época (...)." (SCHMIDT, 2005, p.81).

A primeira imagem que surge com a figura feminina mostra casais dançando ao ar livre ao som de música, as mulheres estão acompanhadas de homens, a legenda descreve que a "Ilustração do século XV mostra casais dançando. Diferente do estereótipo da Idade Média como época exclusiva de sofrimento e dogmatismo religioso." (SCHMIDT, 2005, p. 81). A mesma não está sendo exposta para tratar sobre elas, mas para mostrar uma visão mais otimista e alegre do período. O que

chama atenção é a composição de cores, sempre coloridas, que também permite notar através das roupas dos personagens, as mulheres com vestidos longos, com várias camadas de tecidos e uma espécie de lenço na cabeça e os homens com roupas elegantes, indicando que provavelmente são da nobreza, de pessoas com posses. O autor utiliza a referencia da imagem no final do livro que diz “For couples dancing, sec. XVI imagem do livro Crônica de Nuremberg.” (SCHMIDT, 2005, p. 833).

Fotografia 19- Casais dançando



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed São Paulo: Nova Geração, 2005, p.98.

A segunda imagem apresentada no livro tem como descrição a legenda que afirma “No verão, a colheita. Note o riquíssimo castelo e o trabalho feminino” (SCHMIDT, 2005, p. 84), que mostra duas mulheres camponesas trabalhando na terra junto com três homens e no fundo um castelo, esse contraste da diferença de classe o castelo mostrando a riqueza dos senhores feudais e reis e os camponeses a pobreza dos servos dos senhoriais. Mostra a participação feminina no trabalho do campo, que as mulheres precisavam trabalhar para sobreviver, provavelmente as duas mulheres tem parentesco com os homens, de modo que tinham que acompanhar seus maridos no trabalho ou filhos. o autor traz sua referencia no final do livro que diz “Ilustração History of medieval life, pág.114, David Nicolle” (SCHMIDT, 2005, p.833)

Fotografia 20- Trabalho feminino



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed São Paulo: Nova Geração, 2005, p.98.

A terceira imagem do livro de Schmidt está localizada em um quadro que aborda sobre o destaque que as mulheres medievais tinham na Idade Média, o autor traz sua referencia no final do livro que diz "Ilustração *History of medieval life*, pág.114, David Nicolle" (SCHMIDT, 2005, p.833), trazendo uma nova discussão e visão sobre o papel da mulher na sociedade, que as artesãs assumiam tarefas de chefiar homens em algumas funções, que escreviam sobre medicina e filosofia e assumiam feudos; apresenta informações que indica posição das mulheres da nobreza, que tinham mais direitos do que as mulheres do campo, como as mostradas na imagem anterior, que em alguns casos não precisam trabalhar ao lado dos homens que tinham parentesco como as camponesas, mas podiam liderá-los. O autor traz a imagem anterior (fotografia 20) destacando o trabalho feminino das camponesas relacionando com a imagem que remete as mulheres da nobreza, mostrando duas realidades das mulheres medievais.

Fotografia 21- Mulheres nobres viajando em carroça



Fonte: Fotografia tirada do livro de SCHMIDT, Mario Furley. Nova História crítica: ensino médio: volume único. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005, p.98.

A imagem apenas permite enxergar com dificuldade as cabeças das mulheres expostas nas janelas usando uma coroa na cabeça, o que indicia pertencerem à corte; o autor diz na legenda que as “damas da nobreza viajam numa carroça compridas, protegidas de olhares indiscretos. (...)” (SCHMIDT, 2005, p. 90). Apesar dessa informação associada à imagem, o que ele diz depois remete a uma contradição, pois ao referir um papel mais ativo das mulheres, por que escolheu uma imagem que remete ao ponto de vista que as mulheres eram frágeis e estavam sujeitas aos olhares maldosos da sociedade. Inclusive pode-se perceber que no final da carruagem há um homem com a coroa na cabeça. Ou seja, as mulheres estavam acompanhadas pelos homens. Existe assim na abordagem entre a imagem e o texto certa incoerência, também, a imagem é pequena, dificultando a observação. A referência da imagem Schmidt (2005, p. 83) expõe no final do livro dizendo “Ilustração de Saltério de Luttrell, séc. XIV”.

A última imagem apresentada pelo autor que representa as mulheres é da Virgem Maria, em que mostra um pequeno quadro com Maria e Jesus Cristo em seus braços. A imagem se encontra em um quadro que fala do império Bizantino, e de sua arte, mas se trazemos para a discussão das mulheres medievais, a mesma possibilita concluir que representa a redenção que Maria promoveu para as mulheres sendo denominada a nova Eva, com filhos nos braços, provavelmente afirma a função social de a mulher ser mãe como a afirma Macedo (1999, p. 24) “(...) Não bastava ser esposa, muito menos viúva. Era preciso ser mãe (...)”.

Por sua vez, o livro “História: volume único”, de Gislane Campos Azevedo Seriacopi e Reinado Seriacopi, pouco apresenta as mulheres nas imagens ou em textos, apenas citam ao longo da narrativa algumas informações, trazendo um tópico exclusivo para abordar sobre as mulheres.

Figura 22- A mulher e o banqueiro



Fonte: Fotografia tirada do livro SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. História: volume Único. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005,p. 124.

Os autores Seriacopi G.C.A. e Seriacopi R. (2005, p.124) expõem uma imagem do banqueiro e sua mulher, apresenta a referencia diferente de Schmidt, na própria legenda informando “Tela do pintor Quentin Metsys intitulada O banqueiro e sua mulher (1514) Museu do Louvre (...)”. Na mesma permite-se observar que a mulher está ocupando posição semelhante a do seu marido, lado a lado, sem estar em um plano de fundo, secundarizada. Ela se encontra com um “livro da hora religioso”, exhibe nas paginas abertas a imagem da virgem Maria e o menino Jesus mostrando a figura feminina ligada a vida religiosa e possivelmente indicando que ela teria habilidade na leitura, referindo que para algumas mulheres era realidade terem alguma formação intelectual.

A imagem não está compondo um texto sobre as mulheres propriamente, mas sim relacionando com uma abordagem sobre a economia urbana, porém, os autores escolherem bem a imagem para mostra uma realidade da sociedade medieval; inclusive destacam na legenda que a imagem apresenta uma mudança nos hábitos provocada pelo nascimento do comércio, de maneira que a pratica dessas atividades no passado, teriam sido condenadas pela Igreja.

O livro utiliza apenas essa imagem, prioriza outros conteúdos, e utiliza trechos para abordar sobre as atividades femininas, como em um quadro sobre os castelos medievais que destaca sobre a função da mulher em administrar as atividades domésticas e que se o senhor se ausentasse poderia assumir suas funções como administradoras do castelo. E em outro momento que fala dos camponeses destaca os trabalhos femininos nos campos.

Já o livro didático de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, pouco retrata as mulheres durante a narrativa, apenas destina dois paragrafo do texto que fala das mulheres e crianças medievais. Apesar de neste breve momento falar de uma nova realidade das mulheres, ainda vincula a imagem das mesmas à das crianças, ou seja, reforça a relação das mulheres com o seio familiar e a função de serem mães.

Apesar disso, a imagem trazida pelas autoras compõe o texto que faz uma retratação da diferença entre as mulheres da nobreza e as camponesa, afirmando que a primeira tinha mais autonomia poderia exercer funções administrativas em nome dos pais, filhos e maridos. E as camponesas eram importantes para a economia por que eram responsáveis por fiar, tecer e auxiliar nas colheitas além de cuidar da casa e dos filhos.

A imagem que representa a figura da mulher é de Christine de Pisan, ensinando seu filho, o que remete também à função de educadora para o caso de algumas poucas letradas; a legenda da imagem descreve:

Christine de Pisan ensinando seu filho, Jean de Castel. Imagem que ilustra a obra de Pisan, Publicada em paris entre 1410-1411. Biblioteca Britânica, Londres. Pisan foi escritora e defendeu por meio de suas obras a importância das mulheres na sociedade. Assim como ela, algumas mulheres da nobreza eram letradas e exerciam um relevante papel social. (BRAICK; MOTA, 2013, p.130)

Fotografia 23- Christine de Pisan ensinando seu filho



Fonte: Fotografia tirada do livro BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 130.

A mesma relaciona-se com o texto ao representar uma participação mais ativa da mulher na sociedade medieval, na imagem Christine aparece sentada em frente a uma mesa, com um livro em cima, o seu rosto esta voltado para o livro aberto, com um dedo sobre a página, mostrando uma parte que estava ensinando ao seu filho, ele se encontra na sua frente aparentemente ouvindo os ensinamentos de sua mãe.

Pode-se observar que a personagem apresenta fazer parte da nobreza, por ostentar roupas luxuosas e pelo espaço no plano de fundo com decoração mostrando a riqueza, apresenta cores vibrantes, permitindo analisar a riqueza de detalhes que é permitido.

O ultimo livro didático a ser analisado é “Conexões com a História” de Alves e Oliveira se encontra na posição dos demais analisados, pouco se fala sobre a mulher e quando sempre esta vinculada a textos sobre casamento e crianças, mostrando que é muito forte o vínculo das mulheres com a imagem de esposas e mães no período do medievo.

No texto fala que as mulheres casavam cedo por volta de 12 a 14 anos, eram submissas aos seus maridos, as da nobreza ficando restritas ao ambiente doméstico e as camponesas trabalhavam no campo. E sobre as condições que as mesmas deveriam viver, sendo castas, fieis. Como afirma os autores “Já o papel das mulheres era casar-se para gerar filhos. Normalmente, as meninas casavam-se

entre 12 e 14 anos e eram educadas para ser submissas ao marido” (ALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 142).

O texto não exibe nenhuma imagem, o autor apenas exibe no final do capítulo uma imagem que em sua referencia informa que e a “Estátua equestre representando Joana D’arc. Paris, França. Foto de 2012.” (ALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 157) Localizada em um quadro que fala de sua vida, uma camponesa que dizia ter visões com santos que estava destinada a salvar a França do poder dos ingleses, foi crucial na guerra dos Cem Anos, conseguindo vencer. Desse modo, tornou-se símbolo do nacionalismo francês. Foi condenada pela Igreja por heresia, sendo queimada viva aos 19 anos, os autores ainda destacam que séculos depois seu caso foi revisado e ela foi considerada inocente e santificada.

Na estátua dourada, Joana segura uma de bandeira em cima de um cavalo ao fundo está presente a bandeira da França. Pode-se ler uma associação ao poder e a ousadia que algumas mulheres tinham, lembrando o papel de ícone que Joana desempenhou.

Fotografia 24- Estátua de Joana D’arc



Fonte: Fotografia tirada do livro ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. Conexões com a História. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2016, p. 145.

Portanto pode-se concluir que os livros didáticos analisados no que se refere à representação das mulheres nos livros adotados pela escola, ao passar dos anos vêm trazendo menos imagens visuais referentes às mulheres.

Portanto, o que se percebe é que os livros adotados na Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho de 2007 para atualmente, tendem no geral utilizar

as imagens visuais de forma de ilustração do texto, porém a inserção da presença das mulheres nas imagens é restringida ou estas são apresentadas de forma mais secundarizada.

4. Considerações finais

O Ensino de História vem ao longo dos anos passando por mudanças, muitas vezes adotando ou sendo chamado a adotar novas abordagens e linguagens, o que permite formar os (as) estudantes a serem mais críticos, de forma que possam questionar e aplicar seus conhecimentos adquiridos em sala de aula. E umas das ferramentas utilizadas para se desenvolver esses conhecimentos em sala de aula é o livro didático, que vem acompanhando as mudanças do ensino trazendo em sua composição novas abordagens e linguagens, principalmente no que se refere a imagens, que caracterizam um determinado conteúdo de um período trabalhado, como tem sido o caso da Idade Média.

A Idade Média sofreu restrições em sua abordagem no ensino durante muitos anos, por alguns historiadores e pesquisadores terem por muito tempo uma visão preconceituosa, considerando-o um período atrasado, sombrio, sem uso da razão, alienado pela Igreja, porém, essa visão vem sendo combatida, e isso também se percebe na abordagem dos livros didáticos. Muitas destas abordagens priorizam assuntos econômicos, políticos e religiosos, e deixam ainda em segundo plano ou de lado os aspectos sociais, principalmente no que se refere às mulheres que, entretanto, vêm conquistando espaços como sujeitos da História.

Mas o que se faz questionar é como os livros as retratam em imagens ou se as apresentam totalmente. Com base em nossa pesquisa, se pode perceber que as mulheres ao longo dos anos, considerando os livros adotados pela Escola Estadual Deputado Djalma Aranha Marinho, do mais “antigo” ao mais recente, teve menos espaço dedicado a elas com o passar dos anos, mas regra geral, observamos que os livros tentam romper a ideia de apenas a retratarem como seres passivos, como a sociedade e a Igreja impuseram essa imagem da mulher na época e de não estarem totalmente ausentes das temáticas abordadas.

Percebemos que os primeiros livros analisados promove um destaque maior para as mulheres e que vem trazendo essa ideia de que as mesmas não foram unicamente submissas e que foram importantes para a sociedade medieval.

Contudo, justamente o livro mais recente, adotado até o ano de 2020, restringe esse espaço e dar uma maior ênfase ao aspecto da submissão e passividade das mulheres.

. Portanto, o presente trabalho permitiu analisar que o livro didático da “Nova História Crítica: ensino médio: volume único” é o que apresenta mais imagens sobre as mulheres ao longo das narrativas, apesar de quando propriamente foca em abordar sobre elas utiliza uma imagem que não reafirma sua escrita e nem relaciona com as demais quando traz um novo olhar para as mesmas.

Os livros de “História: volume único” e “História: das cavernas ao terceiro milênio” apresentam poucas imagens das mulheres, mas o que exibem se preocupam com as maneiras de representá-las, não como a única versão de serem submissas, mais tendo um papel mais ativo para época.

Já o livro “Conexões com a História” não tem tanta preocupação em utilizar imageticamente a figura feminina apenas dedica-se um parágrafo ao falar, mesmo que posteriormente mostra a figura de Joana D’arc, o que o objetivo não era informar que uma mulher foi um personagem principal da guerra, mas apenas uns dos personagens de destaque e que as mulheres estão pouco representadas em imagens nos livros e que nos últimos dois anos essa situação se agravou, e principalmente as mulheres estão representadas como seres dominados, mas o que nos deixa satisfeito que a maioria dos livros procura mesmos com pouco trazer uma imagem da mulher medieval que não aceitava passivamente os mandos e desmandos da sociedade medieval.

Em perspectiva, O ensino de História com a iminente Reforma do Ensino Médio e suas propostas terá um desafio, ao trabalhar com a Idade Média, já que a proposta é priorizar os conteúdos relacionados a História do Brasil e da América, propondo não valorizar uma visão eurocentrista. Da Idade Média só será explorado os conteúdos relevantes para o conhecimento da História da América, explorando suas crenças e cultura, podendo acarretar em uma centralização da história do Brasil na História da humanidade.

Inclusive provocando dificuldades ao se lecionar de modo que o olhar seria voltado para história do Brasil utilizando outras épocas e fatos a partir de temas relacionados com o que se está discutindo em sala. O mais preocupante é como esse período da história da humanidade será trabalhado nos anos futuros e como os personagens e as mulheres serão retratados, de modo que sua participação

continue em segundo plano ou esse período tão importante para a história da humanidade seja esquecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. LIVROS DIDÁTICOS:

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. **Conexões com a história**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica: ensino médio: volume único**. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. **História: volume único**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

2. REFERÊNCIAS:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira. **Linguagens e documentos no ensino de história: Panorama de perspectivas no Brasil, possibilidades e desafios contemporâneos**. 2014. Disponível em: <
http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9749-2.Docx>.
Acesso em: 18/11/2018.

ECO, Umberto. **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Portugal: Dom Quixote, 2010.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MENDES, Jessica Salvino. **Os livros didáticos de história: olhares e reflexões para novas práticas de ensino**. 2013. Disponível em:
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA1_ID4414_07092015103820.pdf>. Acesso em: 18/11/2018.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Base nacional Comum Curricular. Brasil, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16/11/2018.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, Base nacional Comum Curricular. Brasil, 2016. Disponível em: <http://undime-sc.org.br/wp-content/uploads/2016/05/2%C2%AA-BNCC-BOOK.pdf>. Acesso em: 18 Nov. 2018.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. In: NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Textos de História. 1997, p. 82-91. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807/4813>. Acesso em: 18/11/2018.

ANEXO A- CAPA DOS LIVROS DIDÁTICOS

